



"Educação como prática de Liberdade":  
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)  
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9879 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT20 - Psicologia da Educação

### CRENÇAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS DE ALUNOS DO 5º ANO: UM ESTUDO DE CASO

Ivana Aparecida de Araújo Rocha - UNESP - Marília / FFC - Universidade Estadual Paulista

Eliane Giachetto Saravali - UNESP - Marília / FFC - Universidade Estadual Paulista

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

### CRENÇAS SOBRE OS POVOS INDÍGENAS DE ALUNOS DO 5º ANO: UM ESTUDO DE CASO

#### Resumo

Pautado nos estudos sobre a construção do conhecimento social, desenvolvidos a partir da teoria piagetiana, o objetivo desta pesquisa consistiu em investigar a construção de noções sobre os povos indígenas de crianças do ensino fundamental I. Participaram desse estudo 27 alunos, com idades entre 9 e 10 anos, de ambos os gêneros, regularmente matriculados no 5º ano de uma escola privada, localizada no interior do estado de São Paulo. Os participantes foram submetidos a uma entrevista semiestruturada, baseada no método clínico-crítico piagetiano, versando sobre aspectos culturais, históricos e de diversidade. Os principais resultados apresentados aqui evidenciam que as crenças dos alunos, em sua maioria, baseiam-se em aspectos aparentes, sem a coordenação de elementos complexos e históricos, caracterizadas por visões estereotipadas envolvendo os povos indígenas. Infere-se sobre a importância de se conhecer as noções construídas pelos alunos para a elaboração de intervenções mais assertivas no cotidiano escolar.

**Palavras-chave:** Povos Indígenas. Conhecimento Social. Teoria Piagetiana. Método Clínico-Crítico.

#### Introdução

Refletir a respeito das diferenças sociais, étnicas, raciais, culturais, de gênero e religião é ação crucial aos educadores, principalmente no âmbito das práticas educativas. Dentre estes temas, estão as questões envolvendo o conhecimento e o respeito aos povos indígenas e sua cultura.

Munduruku (2017, pg. 9) diz que “desenvolvemos determinado pensamento sobre o índio, o qual vem sendo repetido à exaustão desde há muito tempo, revelando que não sabemos, de fato, quem é o índio e quais são suas especificidades culturais”. Sentindo na própria existência as ideias estereotipadas sobre sua etnia, o autor conta que “quando criança, não gostava de ser índio. Sentia vergonha de ser um quando alguém mencionava os indígenas como seres preguiçosos, selvagens, sujos, covardes e até canibais” (MUNDURUKU, 2017, pg.10).

Como apontamentos para o desenvolvimento do currículo do ensino fundamental e médio, temos desde 2008 o fato de que o tema indígena fora estimulado a figurar nas escolas, após ter sido regulamentado pela Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008, que cria a obrigatoriedade do ensino da história e da cultura dos povos indígenas nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio do país. (BRASIL, 2008). Ainda, ao se definir as competências esperadas ao longo do ensino, a Base Comum Curricular- BNCC indica a importância de se entender que, na formação da sociedade brasileira, há a presença de diferentes povos e culturas, o que pode ajudar na compreensão de suas contradições sociais e culturais e articulações com outros povos e sociedades (BRASIL, 2017). O documento aponta que “a inclusão dos temas obrigatórios definidos pela legislação vigente, tais como a história da África e das culturas afro-brasileira e indígena, deve ultrapassar a dimensão puramente retórica e permitir que se defenda o estudo dessas populações como artífices da própria história do Brasil.” (BRASIL, 2017, pg. 403).

Por essa razão, pensar os conceitos e ideias construídas a respeito dos povos indígenas e como eles podem ser desenvolvidos em sala de aula é relevante e atual, uma vez que tais ideias, compreendendo hábitos, costumes, cultura e valores sociais dos primeiros habitantes do nosso país, estão presentes nas relações interindividuais. Essas formas de se interpretar e perceber a problemática pode estar carregada de estereótipos, preconceito e discriminação.

Segundo a BNCC, para o 5º ano, a ênfase deve estar em pensar a diversidade dos povos e culturas, bem como suas formas de organização. “A noção de cidadania, com direitos e deveres, e o reconhecimento da diversidade das sociedades pressupõem uma educação que estimule o convívio e o respeito entre os povos” (BRASIL, 2017, p. 406).

É plausível, portanto, que se analise as vivências escolares, bem como as noções construídas, verificando se equívocos não estão se perpetuando e orientando assim um “falso” conhecimento sobre a cultura indígena, a realidade dos povos, e a compreensão da história e da situação dos nativos brasileiros.

Trataremos a questão do conhecimento sobre os povos indígenas na perspectiva da construção do conhecimento social, desenvolvida por Delval (2018) e pesquisadores brasileiros (SARAVALI, GUIMARÃES, SILVA, 2018). Estes trabalhos tomam por referência a epistemologia e psicologia genéticas piagetianas, admitindo que, mesmo aquele conhecimento proveniente dos contextos sociais, sofrerá uma elaboração individual, condizente com os processos de equilíbrio. Assim, o conhecimento social se origina e se sustenta no momento da inserção do indivíduo no meio social e, dessa forma, seu desenvolvimento ocorre em contato com o outro, todavia, o sujeito não tem um papel passivo; muito ao contrário, nesse processo, é preciso valorizar o trabalho de construção pessoal que cada um realiza, a partir de suas próprias construções intelectuais e afetivas (DENEGRÍ, 1998).

A partir destes trabalhos (DELVAL, 2002), observa-se uma regularidade na construção de noções sociais diferentes, identificadas por níveis de compreensão que partem de crenças aparentes e pouco processuais até a construção de noções mais complexas que envolvem aspectos não visíveis e processuais, característicos dos fenômenos sociais.

Considerando o exposto e tratando-se de objetivos e competências tão relevantes no Ensino Fundamental que, engendrados com as outras fases de escolaridade (infantil e médio), constituem noções essenciais para a compreensão e representação da sociedade, almejamos investigar como se formam os conceitos que alunos do quinto ano têm a respeito dos povos nativos brasileiros, tendo em vista os aspectos históricos, culturais e de diversidade.

## Metodologia

Trata-se de um estudo de caso (YIN, 2001), desenvolvido junto a 27 alunos, com idades entre 9 e 10 anos, de ambos os gêneros, regularmente matriculados no quinto ano do ensino fundamental de uma escola particular do interior do estado de São Paulo. A escola em questão se localiza na região central da cidade e seus alunos são, em sua maioria, de classe média.

A pesquisa foi apresentada à equipe gestora da escola e aos responsáveis pelos alunos que assinaram os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a participação das crianças, de forma a se garantir os procedimentos éticos da pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido e aprovado no comitê de ética em pesquisa da Universidade por meio de cadastro na Plataforma Brasil.

O instrumento aplicado em todos os participantes consistiu numa entrevista semi-estruturada, pautada no método clínico-crítico piagetiano (PIAGET, 1926/1979) cujo objetivo era investigar as ideias que as crianças possuíam sobre os povos indígenas, identificando aspectos culturais, históricos e de diversidade. O roteiro da entrevista está apresentado de forma resumida, a seguir, e era desencadeado após a apresentação da figura 1.

**Figura 1** – Imagem utilizada nas entrevistas



Fonte: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/influencia-do-tupi/>

Perguntas: Fale um pouco sobre esta imagem que você vê. Quem são as pessoas apresentadas na imagem? – *caso a resposta seja “índio” ou “indígena”...* – Por que você acha que são “índio” ou “indígenas” (conforme nome dado pela criança)? O que você vê na foto que informa que eles são indígenas? – *caso mencionem as roupas...* – Se eles estivessem vestidos com roupas como as nossas, seria possível saber que são indígenas? Você acha que essas imagens mostram pessoas que vivem atualmente ou não? Onde elas vivem? Há muitas ou poucas pessoas assim na nossa sociedade? Por que? Você acha que faz tempo que pessoas como essas da imagem existem? Desde quando? Como você acha que eles vivem? O que fazem? Eles trabalham? Você acha que os povos indígenas do Brasil são iguais ou diferentes dos povos indígenas dos outros países? Em que são iguais? Em que são diferentes? Como são

as famílias das pessoas que você vê na imagem? Em que são parecidas com sua família? Em que são diferentes? Você sabe ou já ouviu falar sobre cultura? O que é? O que é cultura para você? Você acha que as pessoas da imagem têm cultura? Você já ouviu falar sobre civilização? O que é? O que é uma pessoa civilizada para você? Você acha que as pessoas da imagem são civilizadas? Você já ouviu a palavra indígena? Onde você ouviu? Você acha diferente falar “índio” e “indígena” ou você acha que quando usamos essas palavras falamos a mesma coisa?

As entrevistas foram realizadas individualmente e gravadas, tendo em média a duração de 25 minutos, de acordo com a espontaneidade e interesse de cada criança. Ocorreram de forma presencial e/ou de forma on-line, via Google Meet, de acordo com a organização das aulas pela escola no modelo escalonado. Todo o material foi transcrito para análise posterior.

## Resultados

Para a análise dos dados, o conteúdo das respostas obtidas foi categorizado de acordo com os níveis de compreensão da realidade social, propostos por Delval (2002). Foi possível observar que 70% das crianças apresentaram respostas características do nível I, em que crenças mais calcadas na aparência são predominantes.

As respostas relativas ao nível I descrevem os indígenas com ênfase nos aspectos aparentes, como o modo de vestir, as pinturas pelos rosto e corpo e os acessórios. Percebe-se também que relacionam os indígenas a realidades de pobreza, atraso tecnológico e lugares sem características de aspectos urbanos. Nesse nível também não reconhecem o modo de viver dos povos indígenas, abrangendo a vida deles em torno somente da caça de animais, que ocorreria por falta de recursos financeiros em adquirir outros alimentos. Vejamos, a título de exemplo, dois excertos de nossos protocolos, a seguir:

**ALV(10;8): Mas indígena mesmo você acha que não vive atualmente? Não. E como você sabe que eles não vivem atualmente? Por causa que tem mais tecnologias aqui e agora. E tendo tecnologia eles não vivem? Não, por causa que, eles podem viver sim, mas só que mudaram o costume, usaram mais roupas, usaram mais coisas... E você já ouviu falar sobre civilização? (Nega com a cabeça) [...] Você conseguiria me explicar o que é uma pessoa civilizada pra você? Hum, uma pessoa que esteja no avanço? [...] E, você acha que os indígenas são civilizados? (Nega com a cabeça). Não? Eles ainda estão nos costumes do passado...**

**FIL(10;4): Por que você acha que são índios? Porque está com cara. Como assim, com cara? Tá com roupa de índio. Roupa de índio? (Faz sinal de positivo com a cabeça). E pintura...no rosto. Se eles não estivessem com roupa de índio, nem com pintura no rosto, você saberia dizer se são índios? Não muito, eu reconheço o índio quando tem pintura no rosto e roupa de índio. É assim que você reconhece? Uhum. E por que você acha que eles usam essa roupa e essa pintura? (Pensa...). Eu acho que a roupa porque eles conseguem fazer essa daí e a pintura pra identificar que é índio.**

Observamos que muito do que essas crianças explicam em suas respostas é fruto de uma interpretação elementar do que lhes é apresentado, constituindo uma forma de pensar e

interpretar a realidade social que não permite a esses sujeitos realizar maiores inferências.

Algumas respostas, 30%, puderam ser enquadradas no nível II de compreensão que, apesar de ainda conservar alguns estereótipos, caracteriza-se por uma análise mais abrangente do modo de viver dos povos indígenas, com coordenação de outros elementos e a consideração de alguns aspectos históricos.

**MIG(10;4) E o que você sabe sobre os povos indígenas? E o que eu sei é que, que eles estavam aqui antes dos portugueses, bem antes assim, cada tribo tem uma língua diferente, não é igual a nossa, eles têm... como é a palavra... esqueci.... Eles têm língua diferente? Eu esqueci a palavra... [...] Costume. Eu acho que essa é a palavra. As pinturas nos rostos que eles fazem... eu quando acabar minha aula já vou assistir TV e quando eles acabam alguma coisa que eles têm que fazer, tipo aula, eles vão fazer outras coisas porque lá não tem TV, então eles fazem uma brincadeira, ou eles vão ajudar os pais deles alguma coisa então eles têm costumes diferentes uma rotina diferente. [...] Diferente de nós.**

Não obtivemos sujeitos que se enquadrassem no nível III de compreensão da realidade social, caracterizado por Delval (2002) como de maior complexidade, em que os fenômenos sociais são analisados como possibilidades diante de tantas outras e questões ocultas assumem um papel importante.

### **Considerações finais**

No decorrer da Educação Básica, algumas aprendizagens essenciais são definidas e devem afluir para garantir aos estudantes o desenvolvimento de competências e habilidades que se unam aos direitos de aprendizagem e desenvolvimento. A compreensão de fenômenos do mundo social está entre essas competências.

Ainda, a construção de uma sociedade menos excludente e mais diversa perpassa pela construção de noções complexas e menos estereotipadas sobre a realidade social. A escola necessita compreender essa construção na intenção de promover um ensino que desconstrua e desequilibre crenças superficiais e preconceituosas.

No caso da temática abordada aqui, acreditamos que compreender como as crianças constroem noções sobre os povos indígenas deve orientar as ações do professor, em busca de um ensino que seja de fato respeitoso, solidário e libertador para o exercício da cidadania com e pelos povos indígenas.

### **Referências:**

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 março de 2008. Altera a Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular:** Educação é Base.

Brasília, MEC, 2017.

DELVAL, J. **Introdução à prática do método clínico: descobrindo o pensamento da criança.** Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2002.

DELVAL, J. La construcción del conocimiento sobre la sociedade. **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, 25 (1), 11-32, 2018.

DENEGRI, M. A construção do conhecimento social na infância e a representação da pobreza e desigualdade social: desafios para a ação educativa. In: ASSIS, M.;

MANTOVANI DE ASSIS, O. Anais do XV Encontro Nacional de Professores do PROEPRE: **A criança e a escola.** Campinas: UNICAMP/FE/LPG, p. 43-54, 1998.

MUNDURUKU, D. **Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores.** Lorena: UK'A Editorial, 2017.

PIAGET, J. **A representação do mundo na criança.** Tradução Rubens Fiúza. Rio de Janeiro: Record, 1979 [1926].

SARAVALI, E. G.; GUIMARÃES, T.; SILVA, R. C da. Pesquisas sobre a construção do conhecimento social no contexto brasileiro: estado da arte 2005-2017 . **Ensino Em Re-Vista**, Uberlândia, 25(1), 33-56, 2018.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010.